lei nº 7106 de 05.05.92
D.O.M n. 9942 de 02.09.92

Samuel

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Trabalhando junto com o povo

FORTITUDINE

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO

DIGITALIZADO
EM: 20/11/92
FUNCIONÁRIO

DATA 25/03/92

PROJETO DE LEI Nº 058/92

ASSUNTO: Denomina de Deputado Antonio Custódio de Azevedo uma artéria de Fortaleza

VEREADOR Samuel Braga

LEI Nº 7106 DE 05/05/92

DIOM Nº 9942 DE 02/09/92

ARQUIVO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Lei: 071061992
Projeto: 00581992
Autor: SAMUEL BRAGA
Assunto: R DEP ANTONIO AZEVEDO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

LEI Nº 7106 DE 05 DE maio DE 1992

Denomina de Antonio Custódio de Azevedo uma artéria de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Fica denominada de Deputado Antonio Custódio de Azevedo uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO DA CIDADE, EM 05 DE maio DE 1992.

JURACI VIEIRA DE MAGALHÃES
PREFEITO DE FORTALEZA

MPM.

COMISSÃO DE Urbanismo
DESIGNO O VEREADOR Samuel Braga
COMO RELATOR
Em 30/03/92
Presidente

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

A COMISSÃO DE URBANISMO
Em 26/03/1992
Joaquim Azevedo
Presidente

PROJETO DE LEI Nº 055/92.

Denomina de Deputado Antonio Custódio de Azevedo uma artéria de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º- Fica denominada de Deputado Antonio Custódio de Azevedo uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º- Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Fortaleza, em 25 de março de 1992.

Samuel Braga
Vereador Samuel Braga

Aprovado em 1ª Discussão
Em 08/04/1992
Presidente

Aprovado em 2ª. Discussão
Em 9/4/1992
Presidente

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL
Em 9/4/1992
Presidente

APRESENTAÇÃO

Pe. F. SADOC DE ARAÚJO
(Da Academia Cearense de Letras)

Quem convive de perto com o Dr. Antônio Custódio de Azevedo tem o privilégio de experimentar o prazer de saborear sua invejável qualidade de primoroso "causeur". É realmente agradável participar da conversa espontânea e do bate-papo informal com este homem extrovertido, que, apesar de sua formação médica, nunca quis perder a característica de autêntico sertanejo ou renegar as marcas de suas origens rurais.

Com a publicação de "O Poder da Força de Vontade", obra autobiográfica, amplia-se consideravelmente, pelo número de leitores, o antes restrito círculo de convivas que tinham a prerrogativa de participar de sua aprazível roda de conversa familiar. A persistência do diálogo, em toda a narrativa do livro, é prova inconteste de que o autor, propositadamente, quis conservar o ambiente delicioso, onde se realiza sua inveterada vocação de "causeur" e a índole, quase ingênua mas resoluta, da locução do rurígena.

Também um seu colega de profissão, Guimarães Rosa, hoje escritor de renome internacional, compreendeu e soube fazer respeitados os valores da cultura e do linguajar sertenejos ao nos presentear com a beleza literária da obra-prima que é "Grande Sertão: Veredas".

É na trilha do grande romancista do nosso sertanismo que Antônio Custódio encaminha sua autobiografia, procurando conservar a linguagem, nativa e narrativa, própria dos habitantes da sertania de Sobral, onde praticamente viveu todos os anos de sua experimentada existência já quase octogenária. Como o Riobaldo Rosiano, ele pode sintetizar a própria vida: "Mire, veja, o sertão é dentro da gente, está em toda parte, é do tamanho do mundo, é onde o pensamento da gente se forma, pois sem sertão o mundo se acaba."

A primeira impressão que me ficou, ao ler os originais, foi a de que a obra tem também um sentido pedagógico: mostrar o poder da vontade humana, quando visa, com obstinada perseverança, à consecução de um objetivo precioso e nobre. E a tese é fartamente demonstrada pela longa experiência da própria vida, com muitos exemplos pessoais. Para mim, é este o maior mérito do livro.

ANTÔNIO CUSTÓDIO: ARQUITETO

Vai para mais de dois mil e trezentos anos que o maior filósofo da antiguidade grega, Aristóteles, já sentenciava que, entre os seres humanos, uns nascem para obedecer e, outros, para mandar. É a predestinação vocacional. Há os que vieram ao mundo para ser dirigidos e os que trazem a capacidade para liderar. Os que vieram para obedecer seguem o caminho que lhes impõem, e os que existem para mandar escolhem livremente o melhor itinerário para realizar o seu destino. Enquanto aqueles trazem consigo a sorte dos vencidos, esses possuem a vocação dos sempiternos vencedores, porque vieram com a predestinação dos que compareceram ao mundo, para cumprir uma missão superior, conferida por Deus. O Dr. Antônio Custódio se alinha entre os que vieram para vencer, e venceu. Desde sua tenra juventude que Antônio Custódio começou a dar sinais desta vocação irrefreável, para o manuseio do bisturi. Lembro-me que minha santa mãe nos contava que, certa vez, na Fazenda Boa Vista, de propriedade de meu saudoso tio Joaquim Custódio, genitor de Antônio, encontrava-se este realizando uma operação na cabeça de um bode doente com uma "bicheira". "Que está fazendo aí, Antônio?" Este respondeu que "estava operando a cabeça deste bode que está ferido". Ali começava a revelação do futuro hábil cirurgião que ia projetar-se como excelente operador, cujas intervenções cirúrgicas, heróicas, sempre deixaram seus circunstantes e espectadores emocionados.

Lembro-me bem de Antônio, quando estudava na casa de meu inesquecível padrinho Argentino, na Fazenda Aurora, com o saudoso mestre-escola Vicente Machado da Ponte, que foi também meu primeiro professor. Aquele admirável educador dividia seus alunos em dois grupos, chamados de Partido dos Romanos e Partido dos Cartagineses, para as disputadas estudantinas em matéria de aproveitamento. Antônio liderava um deles com denodo e arrojo desmedido. Às vezes, as disputas acirradas terminavam em pancadarias entre os membros dos dois partidos competidores nos estudos. A anulação motivava sempre bons resultados na aprendizagem.

Mais tarde, Antônio deixava a Fazenda Boa-Vista em busca de melhores condições para continuar os seus estudos. Transmudou-se para a cidade de Sobral, que distava em quarenta quilômetros, só então percorridos em lombos de animais, pois ainda não havia o tráfego de veículos ligando suas paragens. Ingressava

Nasci na Fazenda Boa-Vista, distrito de Jaibaras, município de Sobral, no dia 12 de setembro de 1900. Lá permaneci até os treze anos de idade. A minha história dos dez aos treze anos foi convulsionada, por ser um garoto de grande vivacidade.

Quando nasci pesei quatro quilos e quinhentos gramas. Nasci em uma esteira de carnaubeira, muito bem confeccionada por uma moradora de meu pai, pois nessa época na fazenda não existiam camas. Apenas usavam-se redes.

Tomei banho em um alguidar de barro, como todos meus irmãos. Logo após os primeiros asseios, esse alguidar era enxugado e emborcado no cantinho da camarinha, ou melhor, da alcova.

Durante esses três anos, dos dez aos treze, não parava sem qualquer invenção dentro de casa. Consertando muitas vezes dobradiças que afrouxavam as fechaduras. Outras vezes, arrancando tijolos de adobe, pois era ladrilhado o alpendre. Colocando novos tijolos, meu pai me elogiava, por achar muito bem-feito o serviço.

Certa vez tinha um pauzinho de um realejo com cinco buracos, que meu irmão havia recebido de presente.

E o realejo quebrou-se. Então fui para baixo de um tamarindeiro, onde havia vários cacos de vidro. E consegui, com uma pedra de amolar, arredondar aqueles vidros. Para cada buraco uma cor. Levei nisso quase um dia.

Trouxe-o e mostrei a meu pai. E ele disse:

– Ora mais! Este menino é danado. Como é que conseguiu ralar esses cacos tão perfeitos? Tampou os cinco buracos.

– Olha, Inácia.

– É, também o Antônio. Eu já sei, já estou vendo a marcha dele.

Então, logo após ter mostrado a meu pai, chegou um tio meu, muito amigo dele, José Olavo Ribeiro. Ele me chamou:

– Antônio, traga aí o realejo que você entupiu com esses vidros arredondados, feito com aquela pedra de amolar.

Eu trouxe os vidros, ele os pegou:

– Olhe, compadre, o que esse menino fez! Cada buraco tem uma cor.

– É um menino extraordinário. Não se admire das coisas que ele vai fazer daqui para frente.

Aí começou a fazer uns elogios.

– É, tio Olavo, eu sei tudo no mundo, só não sei ainda fazer gente!

Aí meu pai deu-me uns gritos:

– Oh! corno, como é que você vem com uma história dessas para

Você é assim mesmo atoleimado.

E eu, desconfiado, entrei para o interior da casa e eles ficaram conversando.

Passando um pedaço, quando eles se descuidaram da história do pauzinho do realejo peguei um jumento quartal, montei e trancei os pés nos vazios dele, belisquei, puxei os cabelos do espinhaço e esse jumento entesou comigo, pulando que era uma coisa danada. Ora eu estava sobre ele, ora eu estava embaixo, mas não me desgrudava dele até que, quando ele viu que não me derrubava, entrou na direção da casa. Havia um andaime de uma casa vizinha que meu pai tinha construído e que ficou fincado e o jegue foi direto passar por perto desse pau e eu caí por cima dele, batendo com a cabeça fortemente. Ali mesmo fiquei caído. O tio Olavo foi quem me pegou, levou-me para casa e eu fiquei quase fora de mim. Meu pai disse:

— Compadre, eu não sei mais o que fazer com este menino. Ele quer fazer tudo. Pensando em uma coisa, quer fazê-la, aconteça o que acontecer.

E assim há muitos fatos desse período de dez aos treze anos, em que eu não era gente, como dizia meu pai.

— Este menino não é gente. Dizia ele comigo, sempre.

XXX

Depois, morreu um carneiro, e eu sabia que couro de carneiro se vendia. Apanhei uma faca de ponta fina, com que meu pai assinava carneiros, e sentei-me no batente a tirar o couro. Quando eu finquei-a na primeira perna do animal, a faca escorregou e eu a meti quase toda na minha própria perna, bem na batata. Fiquei com ambas as pernas estiradas e o sangue correndo, sem estancar. Foi preciso atar a ferida com muitas faixas de pano, pois não havia gaze, nem nada, até que veio a hemostase.

XXX

Existia um tamarindeiro muito grande, ao lado esquerdo da casa onde eu tinha arredondado os vidros, e entendi de fazer ali uma casinha coberta com folhas. Era uma casa bem ajeitada, com uns banquinhos de madeira. Cortando com o facão as varas para construir minha casa de brinquedo, não queria mais fazer refeição no lar paterno. Desejava comer somente na "minha casa" e mamãe comentava:

— Ora, este menino tem cada arrumação. . . Vem ver, Joaquim, essa que ele fez.

O papai chegou, olhou minha construção e disse admirado:

— Veja só que casa. Tem todos os declives direitinhos. Que coisa interessante! Como é que ele fez isso?!

— Faz três dias que ele trabalha cortando varas e construindo a casa. Até o banco de ele se sentar está aí. E disse que não quer mais comer conosco:

— Não quero mais comer em casa. Eu faço lá conta. . . Não faça meu prato. Eu levo tudo para minha casa.

E assim fiquei comendo na casa durante vários dias, almoçando e jantando lá, ou melhor, comendo 3 vezes ao dia. Na fazenda: às 9 horas era o almoço; à 1 hora, o jantar e às seis horas da tarde, a ceia. Comia-se mungunzá com torcinho, ou, então, muita paçoca com arroz que eu não dispensava.

E papai disse à mamãe:

— Inácia, dá logo uns piparotes neste menino, que ele deixa esta invenção. Ele só vive aqui com inovação, inventando coisa. Até mesmo quanto a isso.

Eu bradei:

— Não estou fazendo mal a ninguém. Comendo na minha própria casa, eu vivo tranqüilo, sem o Cesário (era meu irmão mais moço do que eu, dois anos, que sabia que eu tinha raiva de ser apelidado de "cabelo-duro" e eu o apelidava de "colônio", causando-lhe zanga também). Passamos mais de um ano intrigados por causa desses apelidos. Nós brigamos uma ou duas vezes, atracando-nos um com o outro, rasgando as blusas, o que levou papai a planejar um negócio que depois eu pressenti. Para onde ele ia, mandava que eu lhe trouxesse o cavalo, de nome "capucho", para acompanhá-lo.

Certa vez, meu pai teve que ir a Ibiapina e me levou montando esse cavalo meio chotão. Lá dormimos. Eu achei muito longe e o frio da serra muito intenso. Quando amanheceu o dia, depois de feitas as compras das rapaduras, voltamos para o sertão. Levamos um dia de viagem, e nesse cavalo chegamos em casa. O comboio ficou debaixo do alpendre e eu enjoado da viagem. Depois fui levado a Mucambo, pois eu não conhecia ainda "a rua".

Cheguei em Mucambo, em época de festa religiosa, e a minha mãe havia recomendado a meu pai:

— Joaquim, o Antônio tem aquela roupinha amarela que você comprou para ele, que a comadre Brasilina fez, e é muito bem feita! É bom ele levar para ir à missa, pois nunca assistiu a uma delas.

E eu soltei:

— Muito bom. E eu quero um sapato e sei qual é. É aquele da Francisca, minha irmã. Nem que eu tenha de tirar o salto, eu o calço e vou com ele. Vai dar em meu pé, direitinho. Fui buscar o sapato, calcei-o e mamãe comentou:

— Ora, deu certinho no pé dele, Joaquim.

— Pois então vou levar ao compadre Zé Lopes, para tirar este salto e botar um outro direito, baixo. Ele vai com ele.

E fez outro salto de sapato e trouxe-o. Já estava se aproximando o dia da viagem, e ele então me mandou calçar o sapato. Eu o calcei e ele me perguntou:

– Está apertando, meu filho?

– Não está me apertando muito, mas esta me encolhendo os dedos da frente.

Pegou um pedaço de sebo e meteu no sapato.

– Para que é que o senhor está fazendo isto, papai?

– É para amaciar mais.

– Está bom, então passe aquilo.

No dia da viagem, eu fui de alpercata, mas levando o sapato amarrado dentro de uma toalha. Lá no Mucambo, fui para casa de uma irmã, casada com Francisco Zeferino, negociante, dono de uma casa de comércio. E no dia seguinte, muito cedo, vesti a roupa, calcei-me e saí. Tinha caído uma chuva muito fina, mas deu para correr nas depressões da rua. Quando saí, vestido na roupa amarelha e muito bem ajeitado, fui passando pela porta da residência de um alfaiate que tinha um filho do meu tope, mais ou menos da minha altura. O sapato estava rangindo demais. A cada passada que eu dava, o sapato rangia, mas eu continuei a andar. Quando o colega observou que eu era muito matuto deu uns gritos de dentro da casa:

– Lá vai um matuto peado nos pés de trás.

Eu continuei a andar e ele a gritar:

– Matuto bobo, está peado nos pés de trás?

Agarrei-me com ele, rolei pelo chão dentro de uma grota de lama e em poucos minutos, cheguei em casa, enlameado até dentro do caroço do olho. Ele deu-me uns bofetes e eu os retribuí. Resultado: não fui assistir a missa.

Minha irmã espantou-se, quando me viu enlameado:

– O que foi isso, Antônio? Você saiu com a roupinha limpa e engomada, mas quando chega tem lama até nos cabelos?!

– Foi aquele cara de capote, que mora na esquina, filho de um tal Demetre, que me insultou, deu-me uns bofetes e eu o joguei no chão.

– Vá tirar sua roupa que eu vou lavá-la. À tarde você vai para a novena.

Tirei a roupa. Minha irmã mandou lavá-la outra vez e a engomou. À tarde, eu fui para a novena. Nunca havia assistido a uma missa, nem a uma novena. Entrei na igreja e fiquei de pé por ali, sem a companhia de meu pai nem de ninguém. Alguns meninos passavam por mim e eu, sempre calado, ficava observando-os, até que apareceu o padre, vigário de Ibiapina, que dirigia os festejos religiosos em Mucambo. Começou a missa. Achei uma coisa muito linda, muito bonita mesmo. Fiquei até bem comportado, observando a cerimônia. Terminada a novena, a multidão se retirou e eu voltei para casa. Aí passei a noite. No dia seguinte, voltei com papai a cavalo. Eu casa, o assunto do dia era o Cesário, me chamando de "cabelo-duro", e eu o chamando de "colônio", o que redundava em briga, mais de uma vez por dia.

xxx

Certa vez, papai me disse:

– Antônio, você tem que ir aonde está seu padrinho de vela, que é compadre Manuel Vicente, casado com a minha irmã na Matacutiária. Você vai hoje comigo para lá, daqui a pouco. Vá buscar o "capotinho".

– O diabo daquele cavalo acaba com os meus culotes.

– Não! Nós vamos devagar, meu filho!

Eu já estava mais ou menos com meus doze anos. Ao passar pela casa de um irmão do meu pai, notei que havia uma moita de murumbo enorme e muitos pássaros. Parei o cavalo e papai seguiu montado numa burra castanha. Depois de uns trezentos metros, ele virou-se e pôde me ver lá perto da moita. Eu ficara observando e pensando que arrumação era aquela do papai. Por que razão para toda parte que ele ia, queria me levar montado naquele cavalo?

– Ah! Já sei, é por causa das brigas que eu tenho com o Cesário e ele está procurando evitar.

Na casa de meu padrinho, colocaram uma travessa de carne de porco, que vinha nadando em gordura, com muito mungunzá, rio mas gostoso. Fui para a mesa. Não sabia comer de garfo e faca. Pedi uma colher. Minha madrinha foi buscá-la, me deu e eu não parei. Comecei a comer o mingunzá e o toucinho. Não queria nem a carne. Resultado: às quatro horas da manhã, eu arranquei da rede, não com dor de barriga, mas com um embaraço intestinal terrível que me obrigou a correr em direção do curral e lá não deu tempo nem de me acocorar. Arriei as calças e aguei a cerca. Era um mau cheiro imenso. Passei uma hora no curral. De manhã cedo, o papai acordou e perguntou:

– Cadê o Antônio que não está na rede?

Aí o empregado do meu padrinho, um cabocl., disse a ele que eu estava para os lados do curral. Foi procurar-me. E perguntou-me:

– O que é isso meu filho, o que houve?

– Foi aquele mungunzá! Comi demais, destemperei!

Ele deu uma risada:

– Não tem nada, vamos embora para casa. Lá mandou que eu tirasse a roupa que estava fedendo muito e me arranjou uma camisola comprida de algodãozinho, que os filhos do meu padrinho usavam quando meninotes. Não tinha outra calça e eu fiquei encolhido por ali perto do almendre, até que ajeitaram a roupa. Quando chegou a tarde nós voltamos e eu tornei a jurar que não me brigaria com o Cesário. Quando ele me chamar de "cabelo-duro", eu não digo mais nada, de hoje em diante.

Eu fiz aquele propósito e fiquei em casa, sempre muito preocupado em não quebrar o meu propósito. Mas dois dias depois, houve outra briga com Cesário. Não me chamou de "cabelo duro", mas meteu as mãos no canto da rede, pôs os dedos de fora e afastou um do outro no meu rumo.

– Você já vem com suas marmotas. Isso aí é me chamando de "cabelo duro", mas eu não brigarei mais. Eu fiz um propósito de não me incomodar.

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE URBANISMO

Parecer nº 90 /92
Ao Projeto de Lei nº 058/92

Dispensado de Impressão e Interstício
Em 08 / 04 / 1992
Presidente

O Vereador Samuel Braga submeteu a apreciação do Plenário desta Casa o incluso Projeto de Lei que "Denomina de Deputado Antonio Custódio de Azevedo uma artéria de Fortaleza".

Nada encontrando que o impossibilite, somos favoráveis a sua aprovação.

É o nosso Parecer.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 06 de abril de 1992.

RELATOR

PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL DÁ A SEGUINTE REDAÇÃO AO PROJETO DE LEI Nº 058/92.

APROVADO
EM 15 / 04 / 92
Presidente

Denomina de Deputado Antonio Custódio de Azevedo uma artéria de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º - Fica denominada de Deputado Antonio Custódio de Azevedo uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as dispsoições em contrário.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 14 de Abril de 1992.

PRESIDENTE

FAO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

MAPR

Ofício nº 445 /92

Fortaleza, 22 de abril de 1992.

Senhor Prefeito:

Na conformidade do artigo 47 da Lei Orgânica Municipal, tenho a satisfação de encaminhar a V.Exa.,o presente autógrafo de lei aprovado por esta Câmara, que "DENOMINA DE DEPUTADO ANTONIO CUSTÓDIO DE AZEVEDO, UMA ARTÉRIA DE FORTALEZA".

Cordialmente,

Vereador José Mª C. Bezerra

Presidente

Exmo. Sr.

Dr. JURACI MAGALHÃES

DD: Prefeito Municipal de Fortaleza

Nesta